



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à saída do Hotel Four Seasons, antes do embarque para o Brasil**

**Amã-Jordânia, 18 de março de 2010**

**Presidente:** Ô gente, ó...

**Jornalista:** Presidente, boa tarde. Tudo bem?

**Presidente:** Tudo bem.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** É... O “Coringão” ganhou ontem...

**Jornalista:** Uma pesquisa mostrou a Dilma subindo...

**Presidente:** O Ronaldo marcou um gol...

**Jornalista:** Recorde de popularidade...

**Presidente:** Olha, deixa... Primeiro, deixa eu dizer uma coisa para vocês. Esta viagem ao Oriente Médio, para mim, era uma coisa que eu precisava ter feito há mais tempo, mas as coisas também não acontecem apenas quando uma pessoa quer. Elas acontecem quando tem uma construção que envolve as datas e as possibilidades de cada país a ser visitado. Eu sei que todos nós estamos habituados a tratar os conflitos do Oriente Médio como se fosse uma coisa que tem dono, ou seja, os Estados Unidos e uma parte da União



Europeia são os responsáveis pela resolução ou pela solução dos conflitos. O dado concreto é que, depois de décadas e mais décadas, nós ainda mantivemos o conflito, e a radicalização de vez em quando reaparece. Eu, particularmente, defendo a ideia de que a mesma ONU que criou o Estado de Israel é a mesma ONU que deveria estar negociando o processo de paz. A ONU, na sua importância de governança global, ela poderia, se tivesse a representatividade que deveria ter, ou que teve quando ela foi criada, ela poderia estar negociando o processo de paz e estar determinando como deveriam ser as coisas. Na medida em que a ONU não cumpre esse papel fica por conta das ações bilaterais dos países que têm relações, ora com os israelenses, ora com o Mundo Árabe.

Eu venho analisando há muito tempo, e venho percebendo que faltam atores nessa mesa de negociação. Ou seja, se você tem cinco, ou dez, ou vinte pessoas envolvidas nas disputas políticas, essas pessoas precisarão estar todas sentadas à mesa de negociação, quer gostemos delas ou não. É preciso ouvir todas as partes envolvidas, todas, tanto do lado judeu, quanto do lado da Palestina; tanto do lado dos países europeus ou os Estados Unidos, como do lado árabe.

Então é, na verdade, quase um processo de mapeamento: quem é que pode fazer o quê? Quem é que pode ajudar quem? Porque o que nós estamos percebendo é que fizemos a tentativa de Annapolis, envolvendo mais países, fizemos uma reunião e não foi possível fazer a segunda, não tem data marcada para a segunda. E eu me convenci de que o Brasil, pela relação que o Brasil mantém com o mundo, pelo fato do Brasil ser um país com uma índole pacífica, pelo jeito de ser do povo brasileiro, o Brasil pode ajudar nesse debate.

Vim aqui, ouvi muito, aprendi muito, mas ainda tem muita gente para ouvir, tem muita gente para ouvir, e vamos ouvir mais gente, e vamos ver se o Brasil pode dar a sua contribuição para que a gente encontre um processo definitivo de paz no Oriente Médio e, sobretudo, na Palestina.



E também tem a questão do Irã, que é uma questão de muita controvérsia, muita... e que eu acho que é preciso que a gente tenha disposição de dialogar e que a gente não tenha medo de fazer uma reunião a mais ou uma conversa a mais, porque tudo o que pode acontecer de ruim é que haja decisões precipitadas que criem situações que não tenham retorno. Então, eu acho que nós não estamos discutindo apenas a questão do Oriente Médio, estamos discutindo a paz no mundo. Nós não queremos que se repita o Iraque, nós não queremos. O que nós queremos é evitar que essas coisas aconteçam e que o mundo possa viver mais tranquilo.

E eu acho que o Brasil tem história e tem disposição para fazer o jogo que precisa ser feito, conversar com pessoas que não se conversam, aproximar pessoas que estão distantes. Eu acho que é esse o papel que o Brasil está fazendo, e vamos fazer. Vamos fazer porque todos querem que o Brasil participe: os palestinos querem que o Brasil participe, Israel quer que o Brasil participe, a Jordânia quer que o Brasil participe. E eu acho que o Brasil precisa participar, colocar sua experiência e ver se a gente consegue resolver um problema que está insolúvel desde, desde... há muitas décadas.

**Jornalista:** Por isso que o senhor enviou o ministro Amorim para lá, senhor Presidente? Eu gostaria que o senhor colocasse um pouco para a gente qual é a razão que o levou a pedir e a ... (incompreensível)?

**Presidente:** Veja, veja, primeiro, porque eu convidei o presidente de Damasco para ir ao Brasil, o presidente da Síria para ir ao Brasil. Segundo porque a Síria é peça importante, tanto no conflito, quanto na solução de paz no Oriente Médio. Então se os países ricos ou os países da Europa e os Estados Unidos não estão conversando com a Síria, e o Brasil tem boa relação com a Síria, o Brasil vai conversar com a Síria. Se for necessário conversar com o Irã, vamos conversar com o Irã. Aquilo que eu disse para vocês ontem: nós precisamos



aproximar os interlocutores que podem achar a solução, e que não acham porque estão distantes uns dos outros.

Quando eu fazia uma greve, em São Bernardo do Campo, o pior erro que a gente cometia era dizer que não iria conversar com empresário: “Eu não vou conversar”. Ora, se você não quer... se você faz uma greve para negociar e toma a decisão de não conversar, significa que não tem negociação.

Então, tem muita gente que é parte da solução do conflito de Israel e da Palestina, do conflito do Oriente Médio, que está equidistante. Um país não conversa com o outro, um país não, não... o outro não participa da reunião. É uma coisa que parece que tem dono e que ninguém resolve.

Enquanto muita gente ficou preocupada com a nova crise criada com a construção dos assentamentos, das casas, eu achei que, talvez, esse caso criado pode ser uma coisa importante para solucionar o problema.

**Jornalista:** Por quê?

**Presidente:** Porque eu acho que os Estados Unidos tiveram uma reação importante de não concordância com tudo aquilo que Israel faz.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Eu volto dessa reunião com a sensação de que o povo israelense quer a paz e o povo palestino quer a paz.

**Jornalista:** Então, o senhor não acha que (incompreensível)?

**Presidente:** Isso! Essa é que é a minha grande descoberta, é saber quem é que não quer.



**Jornalista:** O senhor já descobriu?

**Presidente:** Não, ainda não. Eu estou com...

**Jornalista:** ...(incompreensível) condenar o assentamento. O governo de Israel está muito firme por esses assentamentos, não passe a ver o senhor como parte...

**Presidente:** Ora, veja, não tem problema. Eu não quero ser visto como parte de lá ou parte de cá. Eu quero ser visto como um cidadão que acha que pode ajudar.

Quando você se dispõe a negociar, você tem que estabelecer critérios. Se esses critérios não forem respeitados, você vai perdendo a confiança nas negociações.

Ora, se tinha preestabelecido que não iria ter assentamento, e um lado faz assentamento, ou seja, um lado quebrou o primeiro acordo. É por isso que os Estados Unidos ficaram zangados, porque eles partiam do pressuposto de que não iria ter mais o anúncio de 1.600 casas. E anunciar exatamente quando o Vice-Presidente americano está em Israel, aí é muito forte.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Não, não, veja. Eu, eu... Quando eu descobrir os que não querem, pode ficar certo de que eu terei imenso prazer de dizer para a imprensa quem não quer...

**Jornalista:** ...conversar com eles (incompreensível)

**Presidente:** Mas é lógico que nós temos que conversar, exatamente com os



que não querem e que têm... Por isso, filha, (incompreensível), eu não posso... Deixa eu dizer uma coisa para vocês, deixa eu lhe dizer uma coisa. Essa coisa é muito delicada. E uma conversa entre [como] essa não pode ser falada para a imprensa antes de falar com as pessoas, porque não tem nada pior em política do que o cidadão saber que eu vou me encontrar com ele no mês que vem, mas eu estou dizendo para vocês o que eu vou falar para ele. Ele fala: “Então não precisa me encontrar. Já li. Tchau e benção”. Então, eu vou com muito cuidado. Esse é jogo... é um campo minado, tem muitos interesses, tem muita gente que acha que é dono da situação. Tem muita gente... Então, é um jogo que nós vamos fazê-lo, porque eu acho que nós podemos ajudar.

**Jornalista:** Exige paciência, não é, Presidente?

**Presidente:** Muita, muita paciência. Muita, muita, muita... veja...

**Jornalista:** O senhor está disposto a ir até...

**Jornalista:** (incompreensível) O senhor diz que não tem atores, que faltam atores na mesa de negociação. O senhor não acha que, na verdade, (incompreensível) falta a mesa de negociação? E o que o Brasil pode...(incompreensível)

**Presidente:** Pois, é. Agora, quando tiver... Veja, se a mesa de negociação voltar a ser a mesmice que sempre foi, o resultado vai ser a mesmice. A mesa de negociação, ela tem que envolver, primeiro, todos os atores, todos, dos mais radicais aos menos radicais. Você tem que juntar todos para estabelecer uma regra, uma regra, porque isso pressupõe compromisso, e todos precisam aceitar.

Então, eu sinto que há, eu sinto que há, pelas conversas, uma disposição,



uma boa vontade, mas tem coisas históricas que não permitem, tem ressentimentos históricos que não permitem, tem discursos históricos que não permitem. Então, a minha tese é que, ou se senta a uma mesa, com a predisposição de não ficar impondo condições... E é por isso que eu acho que a ONU, a ONU, se fosse fortalecida, era quem deveria fazer a proposta. Ela teria que ter representatividade para fazer isso. É por isso que nós estamos brigando para reforçar a ONU. A ONU precisa representar a política do século XXI e não a política da metade do século XX. E tudo isso eu acho que vai ganhar corpo e o Brasil vai comprar essa briga.

**Jornalista:** Presidente, (incompreensível)

**Presidente:** Eu sei, eu sei que no Brasil tem gente que fala: “Ah, mas por que o Brasil está se metendo? Isso não é área do Brasil, isso não é área do Brasil. Isso não é área...” É área do Brasil e área de qualquer país do mundo que queira brigar pela paz.

**Jornalista:** Está ocupando um espaço que deveria, na verdade, o senhor disse, (incompreensível) pela ONU?

**Presidente:** Eu acho... o Brasil não quer ocupar o espaço que deveria ser feito pela ONU, o Brasil quer chamar a atenção de que a ONU pode fazer mais.

**Jornalista:** Presidente, (incompreensível) o senhor mesmo falou no Brasil que o Brasil pode ter um papel importante nessa discussão. (incompreensível) experiência. Muita gente, né, ajudou. O Brasil tem como resolver um problema (incompreensível)...

**Presidente:** Eu não tenho, eu não tenho nenhuma... eu não tenho nenhuma



dificuldade de compreender a descrença que tem no Brasil, porque algumas pessoas, no Brasil, descreem até delas próprias. Tem gente que não acredita em nada. Tem gente que acha que nasceu para ser de terceira categoria. Eu acho que o Brasil... Essa mesma gente não acreditava que o Brasil ganhasse as Olimpíadas, essa mesma gente não acreditava que o Brasil ganhasse... sabe? São pessoas que não querem crer que o Brasil possa fazer o jogo, porque acham que são inferiores.

Eu acho que o Brasil, o Brasil, tem relação de amizade com os judeus, relação de amizade com árabes, tem uma comunidade muito grande e tem, sobretudo, o interesse das pessoas de que um país como o Brasil, como a Índia, como a África do Sul, participem.

Nós agora vamos ter, no mês de abril, encontro com os Brics, no Brasil, encontro com o Ibas, no Brasil, ou seja, nós vamos estar com mais da metade da Humanidade reunida no Brasil. É o momento de a gente discutir assuntos importantes. Qual é o papel da China nisso? Qual é o papel da Índia nisso? Qual é o papel da África do Sul? Qual é o papel da Rússia? Ora, esse não pode ser um tema secundário nessas discussões.

Então, eu volto... eu volto com a certeza do seguinte: o Brasil, pode dar a contribuição, o Brasil tem história de negociação, o Brasil tem experiência de negociação. E obviamente que essas coisas só acontecem quando há interesse dos países envolvidos. Se os palestinos, Israel e outros países dissessem: "Olha, nós não queremos mais ninguém conversando com [sobre] isso", eu estaria comentando com vocês, agora, o gol do Ronaldão, ontem.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Não, não. Não me perguntem de pesquisa, não. Obviamente, veja, obviamente que a Dilma, a Dilma, ela foi a pessoa que coordenou, praticamente, o PAC. Eu estou apresentando o PAC, eu estou dizendo para



vocês, desde o ano passado, que eu vou apresentar um novo PAC, porque eu tenho a Copa do Mundo, eu tenho as Olimpíadas, eu tenho que ter projetos agora para começar a colocar dinheiro no orçamento do ano que vem, para poder... Não pode deixar para o novo presidente começar a pensar um projeto e fazer. Eu tenho que deixar as coisas andando. Então, nós vamos apresentar agora, no final deste mês, um novo PAC. E obviamente que não é um PAC para o governo Lula, para o governo Dilma, para o governo Serra, para o governo Marina, é uma proposta de desenvolvimento para o Brasil que, obviamente, cada um pode assumir compromisso ou não. Ela, obviamente que tem mais compromisso, porque ela está fazendo.

**Jornalista:** Presidente, o senhor está saindo daqui, de uma região que tem conflito em torno do petróleo, e vai voltar para o Brasil agora e tem outro conflito em torno dos *royalties* do pré-sal. Estados em guerra, gente dizendo que não vai mais fazer Olimpíadas. O governo está disposto a vetar o projeto (incompreensível)?

**Presidente:** Eu acho que...

**Jornalista:** O que o senhor vai fazer para pacificar a situação do petróleo (incompreensível)?

**Presidente:** Não, não, não. Veja...

**Jornalista:** O senhor vai apresentar um novo projeto (incompreensível)?

**Presidente:** Não, não, não. O Presidente da República já apresentou o projeto, está nas mãos do Congresso Nacional, o Congresso Nacional que resolva o problema. Eu já cumpri com a minha parte. Já apresentei, como resultado de



um acordo. Agora, o problema é o seguinte: a minha primeira vontade era de não votar os *royalties* este ano. Isso foi dito para todos os líderes, porque eu sabia que era um ano político, eu sabia que em ano de eleição todo mundo quer fazer gracinha, todo mundo quer fazer... Eu sabia disso, e alertei todo mundo disso: vamos discutir o restante e vamos deixar os *royalties* para o ano que vem, porque isso vai ser lá para 2016. Não precisaria essa pressa agora. Então, meus companheiros, a bola está com o Congresso.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Hein? Veja, veja, depende. Se o Congresso aprovar... E eu não posso fazer prejulgamento. Tem uma base que o governo apresentou ao Congresso. Se o resultado do Congresso for muito diferente daquilo que o governo apresentou, obviamente que eu vou sentar e debruçar em cima do que foi aprovado. Mas até agora, eu acho que grande parte, com exceção dos *royalties*, tem sido feito de comum acordo.

**Jornalista:** (incompreensível) *royalties*, Presidente?

**Presidente:** No mais, até amanhã...

**Jornalista:** (incompreensível), gente. Tchau, boa viagem.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Não, eu não disse isso, não disse isso. Primeiro que eu disse que é um problema do Congresso Nacional.

**Jornalista:** Boa viagem, Presidente.



Presidência da República  
Secretaria de Imprensa

---

Entrevista do Presidente da República

---

**Jornalista:** Boa viagem.

(\$31EGJLQ)